

Ajeite-se o leitor (ouvido, olhos e coração) antes de entrar neste pequeno universo de energias tensionadas que é *talvez um instrumento o que se houve ao fundo*. Espécie de espelho contemporâneo do sistema dantesco da *Commedia*, este livro de Guto Leite também exibe uma tabuleta, um alerta para que aqueles que o percorrem. Que não percam a negatividade ao olhar para cada peça desse mundo que se abre aos olhos: “se teu verso não causa/ náusea ou suicídio/ é propaganda”. A negatividade, feita sintoma e ação, aqui é um valor de conhecimento, ao passo que também é o grande lastro estético desta poesia.

Nada tem descanso, nada tem conforto, nada consola, embora nós, os “satisfeitos de si”, encontremos um certo gozo no desespero provocado pelos versos de Guto Leite, que jamais são propaganda. Desde a primeira seção do livro, o equivalente do “Inferno” dantesco, já estamos frente a frente com um jorro poético que nos leva por um percurso no íntimo da voz que fala. Vamos às suas heranças literárias, vamos aos vínculos de família, vamos ao núcleo político do seu lugar de voz. Estamos diante de algo que morreu (a poesia?), mas não sabemos se o morto é fantasma, ou cadáver, ou zumbi. Alguém (do além?) nos fala, nos convence da vertigem da viagem e põe a nu o lugar necessariamente incômodo da arte no mundo-mercado-contemporâneo; tudo isso através de uma prosa poética que é fruto do tensionamento entre os ritmos próprios da narrativa e aqueles especificamente líricos. Uma história frustrada, já terminada, se choca com a ânsia de construção: tudo é dado ao leitor já assustado na sobrecarga do fluxo poético às vezes

sufocante. Toda esperança se perde; e, ao mesmo tempo, se renova, exatamente porque a forma não pacifica.

O purgatório de Guto Leite ganha contornos epigramáticos. Abre-se então espaço para algo que estava vibrando em surdina na primeira parte do livro: o humor. Posto em função de crítica, o riso agudo e nada comportado dos pequenos epigramas ouvidos e recolhidos à boca pequena (na cidade?, no jornal? na sala de estar? nas redes sociais?) revelam pelo avesso o drama interno que acompanhamos na enchente verbal do primeiro momento. Aqui é o ouvido atento que é capaz de diagnosticar a sociedade e de apresentar a dor da vida para além dos pacotes midiáticos que nos fazem engolir diuturnamente os donos do poder e da cultura. A poesia aqui, então, é um grande processador de dramas, que os põe a nus e em escala mínima, cujo tempero de humor faz tudo ganhar força de choque, na boa lembrança do que Benjamim assinalava acerca de Baudelaire.

A última parte do livro, o seu “paraíso”, brinda o leitor com uma irretocável elegância lírica. Mas, se se permite dizer, a elegância jamais é trabalhada como algo externo ao fantasma ou ao cadáver que é a poesia na vida do alto capitalismo. A elegância poética é mesmo, neste caso, uma outra face do colapso (ou tragédia) em que se mete arte nesta etapa do mundo. Ressaltam neste contexto a rigorosa composição de ritmos, sonoridades, métricas, sempre em relação a uma dicção antes de qualquer coisa crítica. A perquirição central deste terceiro conjunto de poemas é, salvo engano, sobre o valor. Quanto valem as coisas, quanto valem as penas, quanto valem os poemas? Questões estas que jamais perdem a sintonia com o lugar político da fala poética; um conteúdo, aliás, estruturante da forma buscada por Guto Leite, como vemos no quarteto de um dos poemas a Buenos Aires: “quando de fato não somos/ más do que empleados/ a brigar pela gerência/ deste

estacionamento". Concretismo, parnasianismo, cabralismo e outros "ismos" são mobilizados como estigmas compositivos de um olhar desconfiado para a tradição, o que resulta num modo de compor que só faz sentido se for capaz de expor a chaga aberta da sociedade atual. Dessa poética arisca, nervosa, quase a um passo do selvagem, vira emblema um "Brinde": "de quantas crianças/ t i r a m o s a vida/ pra ter p o e s i a/ com física quântica".

Este é o instrumento dantesco que toca ao fundo, um que já se houve, mas permanece, nem que seja como simulacro. Estamos avisados de que é força deixar a esperança de parte; mas também estamos avisados de que, embora não haja redenção à vista, nossa comédia humana, ainda é revolvida pelas vísceras com a melhor poesia que vem dos versos de Guto Leite.

por **Alexandre Pilati**